

SEÇÃO DE LIVROS

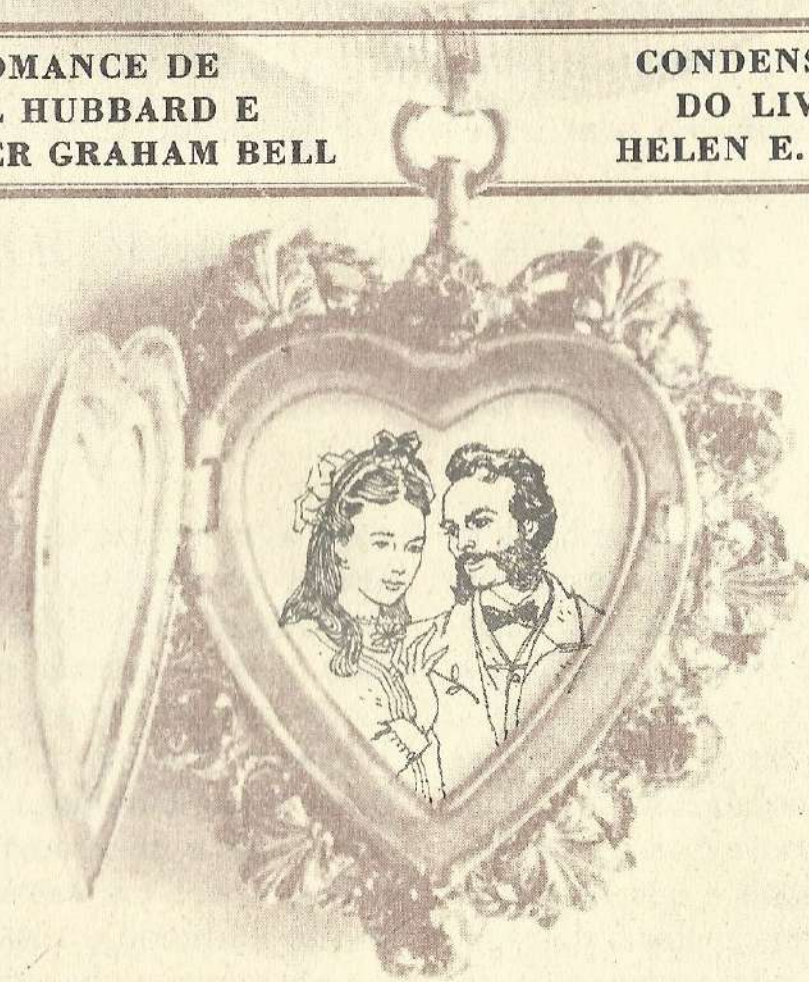
*Que,  
Meu Amor...*

---

O ROMANCE DE  
MABEL HUBBARD E  
ALEXANDER GRAHAM BELL

CONDENSAÇÃO  
DO LIVRO\*  
HELEN E. WAITE

---



\*"Make a Joyful Sound", copyright © 1961 da autora. Editado por Macrea Smith Co., Filadélfia 2, Pensilvânia, E.U.A.



Como aconteceu que Alexander Graham Bell, que inventou o telefone e se interessou de outras maneiras pela tecnologia do som, se casasse com uma môça completamente surda? Quem foi essa jovem verdadeiramente extraordinária? Chamava-se Mabel Hubbard e pertencia a uma família de trato e de posses. Além da sua invulgar aptidão para ler as palavras pelo movimento dos lábios, ela era alegre, espirituosa, imensamente cativante—uma pessoa excepcional, vista segundo qualquer padrão. Durante quase 50 anos ela amparou e inspirou seu brilhante e excêntrico marido... às vêzes também temperamental. Seu namôro com Alexander Graham Bell, uma história de amor de grande ternura, é contado com raro calor no livro de Helen E. aite, intitulado *Make a Joyful Sound* ("Faça um Som Alegre"). O livro baseia-se largamente em documentos particulares da família Bell.

**Q**UANDO Mabel Hubbard tinha quatro anos sofreu um violento ataque de escarlatina. Fôra uma criança alegre e cativante, mas ficou apática, confusa e terrivelmente calada. Após semanas de imobilidade na cama, sua mãe começou a mostrar-lhe coisas antes familiares e queridas, num esforço para vencer-lhe a letargia. Porém Mabel não reagia, não falava.

Um dia Gertrude Hubbard teve uma inspiração. Pouco antes da do-

ença a meninazinha fôra levada a assistir ao Espetáculo de Barnum em Bóston, onde Mabel se apaixonara pela minúscula espôsa do famoso anão conhecido por General Pequeno Polegar. Gertrude comprara como lembrança uma fotografia da anã, e mostrou-a à filha. Pela primeira vez em semanas um leve sorriso iluminou o rosto da criança.

—É a damazinha—ouviu-se a voz que havia tanto tempo estava emudecida.—É a damazinha.

Depois, como fizera antes de

adoecer, segurou o retrato e beijou-o.

A partir dêsse comêço foi rápida a recuperação. Mas um dia a criança perguntou em tom queixoso:

—Por que os pássaros não cantam? Por que vocês não conversam comigo?

As palavras cortaram o coração dos pais da menina. Estava revelada a causa da sua letargia; a doença deixara sua pequenina filha completamente surda.

Mas havia um fato animador: ao contrário do que ocorria com os que nasciam surdos, Mabel Hubbard já sabia falar. Seu pai, Gardiner Greene Hubbard, era um rico advogado de Cambridge, Massachusetts, e trabalhava então na Secretaria de Educação do Estado. Êle viu que a menina precisaria de uma educação especial para conservar e aperfeiçoar o uso da fala. Mas com pesar não



pôde encontrar na América, naquele iluminado ano de 1863, um professor que quisesse mesmo tentar ensinar uma criança surda a falar.

Em tôdas as escolas para surdos

a que foi ouvido o mesmo veredicto: “O senhor não poderá conservar a fala de sua filha. Dentro de alguns meses ela estará muda porque não ouve.” A linguagem dos sinais, disseram-lhe, era a única esperança, porque, ainda que, por um milagre, ela aprendesse a falar, sua voz seria “dolorosamente desagradável como o guincho de uma locomotiva”. O fato é que não havia verdadeiras escolas; os surdos eram recolhidos a “asilos”—e tanto Gardiner como Gertrude Hubbard tinham horror à simples menção da palavra.

No decorrer de sua busca, Hubbard ouviu dizer que na Alemanha os surdos estavam sendo ensinados a ler pelos movimentos dos lábios dos outros e, dêsse modo, a falar. Desesperado, êle resolveu agarrar-se a essa débil esperança, embora em tôdas as escolas norte-americanas a idéia fôsse repelida como visionária. O único homem nos Estados Unidos da América que poderia encorajá-lo era o Dr. Samuel Gridley Howe, diretor do Instituto Perkins Para Cegos, de Bóston. O Dr. Howe e o famoso educador Horace Mann tinham visitado as escolas orais na Alemanha e apresentado um relatório favorável a elas. De sorte que Hubbard foi procurar o Dr. Howe.

Dizia-se de Howe que, quando desafiado, “se inflamava como uma tocha”, e nessa ocasião êle se inflamou. No Instituto Perkins êle realizara experiências com crianças não apenas surdas, mas também cegas, e sabia que nada era impossível.

—É claro que o senhor pode salvar a fala de sua filha—declarou Howe com energia.—Fale, fale, fale com ela. Mas certifique-se sempre que ela está observando o movimento dos seus lábios. Ensine-a por vibração. Faça-a sentir a sua garganta, o ronronar do gato, o piano. E faça-a falar. Tôda vez que ela quiser alguma coisa, obrigue-a a pedir com palavras. Não permita que ninguém lhe fale por sinais, e, se ela os fizer, finja não entender. Será doloroso a princípio, mas valerá a pena.

E acabou mesmo valendo a pena. Não era fácil conservar o jarro de prata com o leite fora do alcance da mão estendida de Mabel e repetir vêzes sem conta que ela devia dizer: “Quero beber leite.” Ou insistir para que ela dissesse: “Leve-me a passear de carruagem”, em vez de apenas puxar o paletó do pai quando percebia que Thomas, o cocheiro, estava chegando com a carruagem à porta. Mas a menina foi aos poucos compreendendo o que se esperava dela.

Ao cabo de dois anos dêsse treinamento, quando os Hubbard contrataram uma governanta para as filhas, Mabel usava palavras e frases com desembaraço, e estava adaptada à vida normal em todos os outros aspectos.

Mary True, a governanta, era filha de um ministro protestante de uma cidadezinha do Maine, aonde os Hubbard tinham ido em férias. Acabara de sair da escola e até então nunca lecionara. Ao ver Mabel, tra-

vêssa, com seu olhar alegre e de uma animação exuberante, percebeu instintivamente que, naquela criança assombrosa, iria encontrar não só o seu desafio mais inquietante como a sua maior recompensa.

Quanto a Mabel, muitos anos depois resumiu nestas palavras as relações entre elas: “Mary True foi minha professôra durante três anos e minha amiga para tôda a vida.”

### Uma Experiência Feliz

A SR.<sup>a</sup> HUBBARD insistiu em que as crianças deviam ser ensinadas tôdas juntas—Grace, de quatro anos, Berta, de seis, e Mabel, que então contava perto de oito anos.

—Faça Mabel ler nos lábios—recomendou a Sr.<sup>a</sup> Hubbard—e nunca lhe fale por gestos ou sinais.

Afora isso, nenhuma outra recomendação foi feita a Mary True, e os Hubbard admitiam francamente



que a educação de Mabel iria ser totalmente uma obra de pioneirismo, com resultados imprevisíveis.

A jovem professôra ficou estupefata ao descobrir quantas coisas que outras crianças parecem assimilar por instinto são mistérios completos para uma criança surda. E, como as lições regulares a princípio deixavam Ma-

bel confusa e hesitante, Mary True teve a idéia de experimentar processos adicionais com a sua discípula. Contava-lhe histórias infundáveis, inventava jogos de palavras, levava-a em caminhadas pelos arredores de Cambridge ou a passeios de carruagem até Bóston, onde visitavam lojas e percorriam o Palácio do Governo. De volta a casa, abria um mapa de Bóston e Cambridge, mostrava onde tinham estado, e fazia tudo o que podia imaginar para ampliar o vocabulário e a experiência da criança.

Mas as lições regulares continuavam, e logo se revelaram um meio fácil de aperfeiçoar a aptidão de Mabel para ler os movimentos dos lábios. Tôda aula começava com o Pai-Nosso e alguns pequenos hinos, e dentro em pouco ela tomava parte na oração e repetia as canções. Mas passaram-se vários meses antes de se evidenciar que ela estava também aprendendo a ler e a soletrar mediante a observação das palavras e frases que Mary True escrevia nas lousas de suas irmãs, prestando depois atenção aos movimentos que elas faziam com os lábios ao lerem o que fôra escrito.

Depois que a jovem preceptora fêz essa emocionante descoberta, a educação de Mabel prosseguiu a galope. A leitura abriu-lhe a porta de um mundo encantado, e a hora de ir para a cama, às oito e meia da noite, passou a ser para ela uma hora de suplício.

—Por favor, mamãe—implorava

ela em desespero, quando chegava a detestada hora de recolher—posso continuar, só até o fim do capítulo?

Mary True gostava de História, e gabou-se ao Sr. Hubbard de que Mabel talvez soubesse mais do que qualquer criança da sua idade com bom ouvido.

O Sr. Hubbard olhou pensativamente para a filha.

—Seria interessante verificar—disse.—Quem sabe se não arranjaremos uma prova oficial?

Alguns dias depois uma Miss Ireson, da diretoria das escolas públicas de Cambridge, veio entrevistar Mabel e submetê-la aos exames regulares correspondentes à sua série escolar. Mabel respondeu com facilidade a tôdas as perguntas, e pouco depois o Sr. Hubbard mostrava, orgulhoso, a Mary True o relatório de Miss Ireson a respeito de Mabel.

Dizia o relatório:

Apraz-me dizer que a pequena Mabel pode comparar-se muito vantajosamente com as crianças da sua idade, e está mesmo um pouco mais adiantada do que as crianças de dez anos (Mabel tinha então nove anos) submetidas à minha inspeção. Surpreendeu-me a facilidade com que ela lê os movimentos dos lábios, porque eu nunca havia conversado com ela, e ela me entendeu perfeitamente.

### Testemunha Principal

MABEL obteve um triunfo maior ainda, naquele mesmo ano, ao com-

parecer como testemunha perante o Legislativo Estadual. Por incrível que pareça, naquele tempo o Estado de Massachusetts não tinha lei alguma para as crianças mudas, que eram simplesmente despachadas para o Estado vizinho do Connecticut ao completarem dez anos, idade em que eram consideradas suficientemente maduras para serem asiladas. Mas afinal começaram a elaborar-se as leis que faltavam para a criação de escolas para surdos, e Gardiner Hubbard empenhava-se para que se ensinasse não só a linguagem dos sinais, mas também a leitura dos lábios. Encontrava oposição cerrada, mas, sendo advogado, sabia o valor da estratégia da surpresa, e fêz Mary True e Mabel comparecerem perante a comissão de legisladores.

Ambas as facções se esforçavam por sustentar os seus pontos de vista, e a audiência foi-se prolongando. Ao ser chamada a depor, Mary True contou como estivera ensinando a Mabel Hubbard, embora ela nunca antes tivesse visto uma criança surda. Mary True pareceu causar boa impressão aos membros da comissão, mas foi ouvido a seguir o Rev. Collins Stone, do Asilo de Hartford, em Connecticut, funcionário que menoscabava todos os esforços para ensinar os mudos a lerem o movimento dos lábios.

—A recuperação da fala pela criança surda custa mais do que compensa — argumentou êle, muito convicto — e as teorias do Sr. Hubbard são contrárias a tôda a experiência.

—Sem dúvida—admitiu o Rev. John Keep, outro funcionário do asilo de Hartford, concluindo o seu longo depoimento.—É possível conseguir que o surdo diga algumas palavras. Mas—acrescentou, sacudindo o dedo ossudo para a comissão—por maior que seja o êxito de uma criança surda na articulação das palavras, *a sua inteligência continuará nas trevas!*

E sentou-se, evidentemente satisfeito com o murmúrio de desânimo que se ergueu dentre os assistentes.

—Então, Sr. Hubbard—disse o presidente da comissão, dirigindo-se ao advogado—ainda pretende refutar a opinião do Sr. Keep?

—Prétendo, Sr. Presidente—respondeu Gardiner Hubbard.—Eu gostaria que a comissão examinasse minha filha Mabel.

Fêz então um sinal para que Mary True a trouxesse. Sentada na cadei-



ra das testemunhas, Mabel era uma criança esperta, viva e atraente. Nunca tendo conhecido o isolamento e pertencendo a uma família com um grande número de parentes, Ma-

bel não se intimidou nem se mostrou embaraçada diante daqueles homens estranhos.

Os próprios congressistas a princípio ficaram um pouco desconcertados. Uma coisa era ouvir advogados, professôres, médicos ou clérigos interessados em determinada lei, mas ter de ouvir uma criança . . . e ainda mais uma criança surda . . .

Finalmente, um dêles começou a interrogar Mabel. Como se chamava? Que estudava? Tinha irmãos e irmãs? E Mabel deu-lhe as respostas. Sua voz não era normal nem perfeita—tendia a ser um pouco aguda e apagada—mas era inteligível, e de modo nenhum desagradável. Passado o primeiro momento de admiração, os membros da comissão, sucessivamente, crivaram-na de perguntas sôbre História e Geografia, propondo-lhe também a solução de problemas simples de Aritmética. As respostas de Mabel eram prontas, todo o seu semblante iluminado pelo interesse.

—Não me parece que o espírito dela esteja em completa escuridão—comentou sêcamente um dos membros.

Quando outro perguntou se ela sabia ler, Mary True entregou-lhe um livro, e ela leu uma ou duas páginas com tanta facilidade e clareza, que algo assim como um assombro pareceu descer sôbre todo o recinto. A presença da menina encerrou o caso, e a comissão especial recomendou que em tôdas as escolas para surdos que se criassem em Massa-

chusetts as crianças deveriam aprender a falar e a ler os movimentos dos lábios.

De volta a casa, na carruagem, Mabel conservou-se inusitadamente calada. Durante o interrogatório um dos membros da comissão fizera-lhe uma pergunta que a deixara perplexa e perturbada:

—Você é surda?

Ela hesitara, depois olhara interrogativamente para o pai, respondendo em obediência ao seu aceno de cabeça, mas quase gaguejando:

—Sou.

A pergunta, porém, ainda a preocupava, e então ela perguntou:

—Que é uma criança surda, Miss True? Que quis dizer aquêles homem com aquela pergunta?

Contemplando aquêles rostinho apreensivo e fitando aquêles olhos que a interrogavam com tanta ansiedade, Mary True tentou explicar da maneira mais simples e menos ofensiva que pôde. Porque, embora pareça incrível, Mabel não notara que era “diferente”.

Os incessantes esforços de seus pais para que ela vivesse associada a pessoas que ouviam e para que participasse de tôdas as atividades das irmãs tornara-a felizmente inconsciente das suas limitações.

### A Busca Ininterrupta

A CERTA altura, Mary True deixou a casa dos Hubbard para aceitar o lugar que lhe ofereceram na Escola Horace Mann Para Surdos, de Bóston. Mabel foi então matriculada

numa escola particular local, juntamente com as irmãs. Mas os pais estavam ansiosos por vê-la falar mais claramente, com voz mais flexível, e quando ela fêz 12 anos resolveram levá-la para a Alemanha e pô-la numa das adiantadas escolas para surdos que lá havia.

Procurando a escola mais conveniente, Gertrude Hubbard não tardou a descobrir quanto a filha estava realmente adiantada. Os diretores das escolas a que elas foram na Alemanha mostravam-se incrédulos quando a examinavam. Um diretor não quis acreditar que ela fôsse surda.

—É impossível, madame, é impossível! Nenhum surdo poderia ter o conhecimento que ela tem, nem poderia conversar com o desembaraço com que ela conversa!

Examinaram-na de tôdas as maneiras. Houve um diretor de escola que a mandou subir um lanço de escada, chamando-a com um grito ao vê-la de costas. Vendo que ela não reagira, deu de ombros.

—Estou convencido, madame— disse.—Mas aqui não podemos fazer nada por ela. Asseguro-lhe que nenhuma criança alemã, de qualquer escola, poderá igualá-la, seja no que fôr: no falar, na leitura ou no conhecimento das coisas comuns da vida diária. É um verdadeiro milagre!

E assim Mabel não chegou jamais a frequentar qualquer escola para surdos na Alemanha. Em vez disso, sua mãe matriculou-a numa exce-

lente escola diurna para crianças normais. Ali ninguém falava inglês, nem mesmo os professôres; mas em poucos meses Mabel lia, escrevia e falava alemão com facilidade. Como seus próprios pais também desconheciam o idioma, ela lhes servia de intérprete quando saíam para fazer compras ou a passeio.

Os Hubbard providenciaram para que houvesse sempre um membro da família ao lado de Mabel, e ela permaneceu na Europa até os 15 anos. Foi atraída de volta para Bóston pelas notícias de um jovem e extraordinário professor, que ali fizera uma conferência na Escola Horace Mann. Êle expusera um nôvo método para ensinar os surdos a falar e melhorar a voz. Denominava-o "Fala Visível", e, por tudo o que se dizia, os resultados eram milagrosos.

Mary True, que trabalhara com o jovem professor, entusiasmou-se com êle. Mal acabou de cumprimentar Mabel, começou a elogiá-lo:

—Mabel, todo o mundo, o mundo gago ou surdo, está falando nesse homem! É um escocês que veio do Canadá para Bóston, há um ano ou dois, com essa "Fala Visível" inventada pelo pai dêle. Desenha os símbolos num quadro-negro e, seguindo os símbolos, qualquer pessoa pode produzir qualquer som dêste mundo!

Fêz uma pausa, impaciente, ao notar a evidente descrença de Mabel.

—Oh! Não seja tão céptica. Eu também era, mas êle convenceu-me.



Vi dois menininhos surdos que êle ensinou a falar. E êle tem aquê dom maravilhoso de fazer até mesmo crianças compreenderem o que delas se espera!

Mabel Hubbard achou que o rapaz parecia um charlatão. Mas, como era Mary True quem se entusiasmara tanto por êle, assentiu respeitosamente:

—Bem, pode ser que eu concorde em receber dêle algumas lições.

O nome do jovem professor era Alexander Graham Bell.

### A Meninice de um Gênio

DURANTE tôda a sua breve existência Alec Bell se interessara apaixonadamente por tudo o que se relacionasse com o som. Êle era um músico de altos dotes, e em dado momento de sua vida chegara a pensar em fazer carreira como pianista. Em Edimburgo, na Escócia, onde nascera e se criara, seu pai, Alexander Melville Bell, adquirira fama como “corretor de pronúncia defeituosa”. Desde cedo o jovem Alec aprendeu o sistema da “Fala Visível” concebido por seu pai, o qual consistia no desenho de uma série de símbolos cuneiformes destinados a mostrar aos alunos gagos a posição do céu da bôca, da língua e dos dentes necessária à produção de determinado som.

Bell, o pai, era muito procurado para conferências, e, assim que os seus três filhos adquiriram idade suficiente, êle os preparou para serem seus assistentes. Afirmava êle ser

capaz de reproduzir, por meio da “Fala Visível”, qualquer ruído que os seus ouvintes pudessem sugerir. Quando lhe pediam determinado som, êle escrevia no quadro-negro; então, um de seus filhos vinha de trás das cortinas e reproduzia o som lendo os símbolos correspondentes. De uma feita Alec apareceu no palco, estudou os hieróglifos por alguns momentos, em seguida fêz um som alto e áspero. Para êle o som não significava coisa alguma, porém o auditório prorrompeu em aplausos. Alguém pedira que se reproduzisse o ruído de serrar madeira.

Noutra ocasião o pai dêle apon- tou para um dos mais difíceis símbolos que até então criara. O símbolo exigia que a língua se enrolasse tôda para trás, até a ponta tocar o palato mole, para então dizer “T”. Não era fácil, e, quando o jovem Alec conseguiu fazê-lo, um homem pôs-se de pé de um salto, aplaudindo.

—Senhoras e senhores—disse— eu sou funcionário do Govêrno indiano, e minha função é ensinar sânscrito aos jovens. O som que pedi ao Sr. Bell é o T cerebral sânscrito. Eu tenho grande dificuldade em conseguir que os meus alunos o pronunciem; no entanto, o filho do Sr. Bell acaba de pronuncí-lo corretamente, sem jamais o ter ouvido sequer!

A pura mecânica da produção dos sons exercia um grande fascínio sôbre Alec. Um belo dia seus irmãos foram encontrá-lo ajoelhado ao lado do

*terrier* da família, forçando-o a abrir as mandíbulas.

—O cachorro está doente?—perguntou-lhe o pequeno Edward.

Alec abanou a cabeça.

—Oh, não! Eu só estava vendo se não seria capaz de ensiná-lo a falar. Escute . . . quando eu lhe aperto as mandíbulas aqui, êle diz “gá-gá-gá”.

Melville, o irmão mais velho, ouviu o som, e imediatamente se ajoelhou ao lado de Alec, escutando e apertando. Ao fim de alguns dias de prática na manipulação das mandíbulas do cão êles conseguiram levá-lo a produzir algo que soava (com um pouco de imaginação) como: “Co—mo—vai—vó—vó?” A fama



dos Bell, de estarem ensinando um cachorro a falar, espalhou-se, e o mais curioso é que o próprio cachorro realmente parecia estar gostando da brincadeira.

Com a idade de 16 anos Alec arranhou um emprêgo na Academia Weston House, de Elgin, na Escó-

cia, para ensinar não só elocução, mas também música. Dentro em pouco êle estava também dando lições auxiliares numa escola para surdos em Londres, estudando êle também, ora na Universidade de Edimburgo, ora na Universidade de Londres. Nos anos imediatamente seguintes àquele, Alec levou uma existência realmente muito atarefada.

Depois a tragédia feriu a família Bell. Edward, que nunca fôra forte, morreu aos 18 anos, vítima de tuberculose. Três anos depois a mesma doença roubava a vida de Melville. Por fim, o próprio Alec passou a ter assustadores acessos de febre e esgotamento, e um especialista advertiu-o de que só lhe restavam seis meses de vida. Receando que os nevoeiros londrinos ou o clima frígido da Escócia lhes tirassem o último filho, os Bell arrumaram às pressas as suas coisas e partiram para o Canadá.

Uns poucos meses do ar puro canadense realizaram o milagre. A sombra da tuberculose foi banida da face de Alec Bell para nunca mais voltar. Mas o seu sistema de vida se modificara pela fôrça do destino. Quando o velho Bell foi a Bóston, numa excursão para conferências, ofereceram-lhe um lugar na Escola Horace Mann Para Surdos (então chamada Escola de Bóston Para Surdos-Mudos). Êle não se interessou pessoalmente pela vaga, mas persuadiu o filho a pleiteá-la.

Assim, em abril de 1871, o jovem Alec Bell foi para Bóston, onde co-

nheceu a menina de 15 anos que iria tornar-se o guia de sua vida.

**“Eu Nunca Poderia Casar-me com Semelhante Homem!”**

NESSE tempo Alec Bell estava na Escola de Oratória da Universidade de Bóston, com o pomposo título de professor de Fisiologia Vocal. Mas não impressionou de modo algum a jovem Mabel Hubbard, quando ela passou a ser uma das suas alunas. Quando Bell foi ao quadro-negro, e, com traços firmes e rápidos, fêz um esbôço das cordas vocais e da língua, ela examinou-o minuciosamente com um desdém juvenil.

Era alto, dolorosamente magro, e ela, sem o menor receio de errar, dava-lhe pouco menos de 40 anos.

(Êle tinha 26 anos, mas a doença deixara-o tão pálido e abatido que parecia muito mais velho.) Acostumada aos elegantes e corteses estudantes de Harvard que visitavam suas duas tias môças, e aos impecáveis cavalheiros que vira na Europa, a exigente mocinha de 15 anos ficou chocada também com as roupas “medonhas” e malfeitas do professor.

“Êle é descuidado no vestir”, confiou ela ao seu diário, “e usa roupa dum pano horrível, lustroso, que lhe faz brilhar também os cabelos negros como azeviche. No todo não me parece que seja pròpriamente um cavalheiro.”

Alec, porém, era um professor nato, com grande propensão para o



dramático, e tão cheio de entusiasmo e vitalidade que Mabel não tardou a ceder à força do seu magnetismo. Mas apenas como professor. "Dêle,  *pessoalmente*, não gosto!", declarou em seu diário. E a seguir, inspirada talvez por algum estranho pressentimento, acrescentou: "Eu nunca poderia casar-me com semelhante homem!"

Apesar dessa reprovação geral, Mabel viu que estava aprendendo muito com o Professor Bell, e suas aulas eram sempre interessantes. Mas, justamente quando ela começava a esperar com impaciência aquêles encontros diários, o Professor Bell de repente deu parte à Sr.<sup>a</sup> Hubbard de que não mais poderia dar êle próprio as aulas à mocinha, e que

seria substituído por um assistente.

Nenhuma das súplicas e perplexas indagações da Sr.<sup>a</sup> Hubbard foi capaz de obter uma explicação satisfatória. Sim, Mabel estava progredindo muito. Não, ela não merecia qualquer censura. Mas o professor insistiu, evasivamente, em que "me parece inadequado ensiná-la pessoalmente agora".

A verdade é que o jovem professor estava passando por uma experiência muito inquietadora. Apaixonara-se perdidamente pela aluna de 15 anos; e, após aflita hesitação, decidira-se: "Quero que algum dia ela pense em mim como namorado, não como professor!"

O ressentimento de Mabel por se ver excluída da turma do Pro-

A ciência recomenda

# NOVO KOLYNOS COM FLÚOR

## FORTALECE O ESMALTE DENTAL

*Forma dentes mais fortes-Evita as cáries!*

É um fato científico: o flúor é o agente da natureza formador do esmalte dos dentes. E o flúor é agora encontrado no novo Kolynos com Flúor! KOLYNOS COM FLÚOR é o único que lhe oferece a mais completa proteção aos dentes: elimina os germens da cárie e impede a

formação de novas cáries, fortalecendo o esmalte. Para evitar as cáries de modo natural e ter dentes sempre fortes, brilhantes e bonitos, fortaleça-os começando ainda hoje a usar KOLYNOS COM FLÚOR! E lembre-se: só o dentista pode cuidar melhor dos seus dentes!



fessor Bell e passar para a de um assistente não foi atenuado pela arrelia de suas irmãs.

—Quem sabe se êle de repente não descobriu que não gosta de você? —sugeriu Berta.—Amor com amor se paga, você sabe disso. Pode ser que o Professor Bell simplesmente não suporte mais você!

Mabel enrubesceu, mas logo deu de ombros.

—Pois êle está livre de mim, se quiser—declarou, alisando com um vigor selvagem os compridos cabelos castanhos, que lhe chegavam à cintura.

Mas ela não se livrara dêle absolutamente. O professor continuou comparecendo regularmente às aulas dadas pelo seu assistente, e um dia em que Mabel enfrentou uma terrível nevasca para não perder a aula o Sr. Bell insistiu em acompanhá-la de volta a casa. Êsse fato assinalou o início de novas relações entre êles, e no verão seguinte Alec já era visita regular da família Hubbard.

Alec Bell era muito estimado pela família. As jovens irmãs de Mabel sentiam-se fascinadas por êle, gostavam de induzi-lo a contar-lhes histórias de fantasmas e caçoavam dêle impiedosamente, sem o menor escrúpulo. A Sr.<sup>a</sup> Hubbard, que era musicista, gostava da maneira como êle tocava piano. O Sr. Hubbard tinha grande respeito pelo môço e pedia-lhe opinião sôbre muitas coisas, principalmente em questões de Ciências.

Porém o objetivo de tôdas as discretas manobras de Bell era estar com Mabel. O refúgio predileto dos dois era a estufa, e naquele cômodo fragrante, cheio de samambaias, po-



diam ambos esquecer que ela era surda e tinha de ler os lábios. Ali conversavam com naturalidade, como se nunca tivessem feito outra coisa na vida. Bell arrastava-a a discussões políticas e afirmava a sua espantosa convicção de que não só os homens, mas também as mulheres deviam governar um país, devendo ser-lhes conferido o direito de voto. A môça sentia como se novas janelas se abrissem para o seu espírito.

### Um Eco do Piano

ALEC falava também das suas investigações científicas. Êle residia então na casa de Thomas Sanders, um rico mercador de couros, de cujo filho surdo era o educador particular. Sanders consentira em que êle transformasse o sótão da casa em laboratório, e ali Alec passava todos os seus momentos de folga.

suavidade refrescante



## TALCO JOHNSON PARA ADULTOS

O agradável perfume do Talco Johnson para Adultos, criado em Paris, é leve e discreto. Finíssimo, acariciante, é o talco que ela e êle preferem — e o que todos em casa gostam de encontrar no toucador e no banheiro.

*Johnson + Johnson*

— GARANTIA DE QUALIDADE

Estava tentando aperfeiçoar o que êle chamava um “telégrafo múltiplo”. O sistema de telegrafia então em uso era desesperadamente lento e deficiente, achava êle, pois só podia enviar um telegrama de cada vez. Se êle ao menos pudesse descobrir um meio de enviar mensagens múltiplas por um só fio, simultâneamente. . . . A busca tornara-se uma obsessão.

É possível que Mabel o aconselhasse a falar ao pai dela sôbre êsse telégrafo múltiplo. Fôsse como fôsse, num domingo êle de repente interrompeu a música que tocava ao piano e voltou-se na direção do canto da sala onde o Sr. Hubbard lia.

—Sr. Hubbard, o senhor sabe que se eu apertar o pedal *forte* e cantar um dó para dentro do piano, a própria nota me responderá?

E assim dizendo, apertou o pedal, inclinou-se, cantou um dó, e, como um eco, o piano respondeu. Mabel ficou muito atenta quando o pai pousou o livro e se aproximou do piano.

—E tem mais!—prosseguiu Alec. —Se dois pianos, em dois lugares diferentes, fôsem ligados por um fio, e uma nota fôsse tocada num dêles, a mesma nota se repetiria no outro!

—E qual é a importância de tudo isso?—perguntou o Sr. Hubbard.

Afogueado pelo entusiasmo, Alec expôs as suas idéias relacionadas com o telégrafo múltiplo, falou nas experiências que andara realizando no sótão da casa de Sanders e nos re-

Uma oferta especial para você!



## manual para a melhor alimentação de sua família!

— orientação de nutricionistas sobre a alimentação adequada ao nosso clima nas diversas idades do homem —

### AQUI ESTÃO ALGUNS TÓPICOS:

- Alimentação na idade escolar
- Flocos de Saúde
- Valor de uma Dieta Normal
- Tabus Alimentares
- Notícias do Mundo das Conservas

e muitos outros importantes aspectos da alimentação para a sua saúde e de sua família.

Não perca, no número de agosto de Seleções, este utilíssimo folheto.



sultados animadores que obtivera.

Enquanto êle falava, apareceu um brilho de interêsse nos olhos do seu interlocutor. Acontecia que Alec estava revelando sua inspiração precisamente à pessoa capaz de compreendê-la. Havia anos que Gardiner Hubbard andava descontente com o sistema telegráfico e se batia por melhoramentos nêle. Mas até então não fizera idéia de como se poderia consegui-lo.

—Sr. Bell—disse êle—creio que essa sua idéia é boa, e estou disposto a financiá-la e a ajudá-lo a obter as necessárias patentes.

Os olhos negros de Alec cintilaram.

—Eu lhe ficaria muito grato, Sr. Hubbard, mas o fato é que, há dias, o Sr. Sanders teve a bondade de oferecer-se para financiar o meu projeto e ajudar-me a obter a patente, com a participação na metade dos lucros do telégrafo acabado.

O Sr. Hubbard acenou com a cabeça em aprovação.

—Excelente. Mas acho que seria melhor ainda se o senhor tivesse mais de um financiador. Que tal o senhor falar ao Sr. Sanders e lhe perguntar se não estaria interessado em dividir a propriedade da patente por três?

Thomas Sanders vira o filho surdo emergir de um patético estado de surdez sob a tutela de Alec, e estava por isso disposto a crer que Alec Graham Bell seria capaz de extrair sons fôsse do que fôsse. De bom grado êle patrocinaria sozinho

o invento telegráfico, mas viu que Alec estava muito interessado em ter o Sr. Hubbard como sócio. Por isso concordou amavelmente em que o Sr. Hubbard unisse as suas forças às deles.

A sociedade iria revelar-se afortunada para todos os sócios, pois o jovem inventor iria em breve precisar de todo financiamento possível. Antes que êles pudessem colher qualquer recompensa do investimento que fizeram na invenção de Alec Bell, os recursos do Sr. Hubbard chegariam a um nível perigosamente baixo, e o Sr. Sanders teria de contrair uma dívida de 110 000 dólares.

### “Podem Telegrafar o Som da Fala”

O AUXÍLIO financeiro afastou para sempre um fantasma da vida de Alec. Êle não mais teria de fazer os seus próprios aparelhos! Êle sempre soubera fazer os desenhos de qualquer equipamento, mas era de uma incapacidade patética para construí-los. Então êle contratou um rapaz habilidoso, de 20 anos, Thomas Watson, para ser seu assistente durante certas horas; ocupou o terceiro andar da casa de Sanders, juntamente com a água-furtada, e começou a trabalhar 18 horas por dia.

Além do telégrafo múltiplo, Alec trabalhava num “telégrafo autográfico”, que enviaria telegramas na grafia do próprio remetente, e num “escrevedor de som”, que “ouviria para as crianças surdas”. Todos êsses

# Elegância

vem com a elegância

COLEÇÃO MB 1963  
A BIJOUTERIA QUE É UMA JOIA



modelo “Dynamic”

— conjunto de abotoaduras, prendedor e porta-notas — criação exclusiva de MB — a bijouteria que é uma jóia!

MB INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE BIJOUTERIA LTDA.  
Rua Major Sertório, 573 - Telefone: 36-0703 - Telegrama: “Combraveco” - São Paulo



projetos se revelaram ilusórios, mas o tempo gasto nêles não foi perdido. Uma noite, quando êles se afadigavam, altas horas, tentando eliminar um misterioso óbice no telégrafo múltiplo, Alec interrompeu de súbito o seu trabalho e olhou meditativamente para o rapaz que trabalhava ao seu lado.

—Sr. Watson—disse—estou convencido de que muito breve serei capaz de falar pelo telégrafo!

—Se—continuou—eu puder obter um mecanismo que faça uma corrente elétrica variar de intensidade conforme varie a densidade do ar quando um som passar através dela, poderei telegrafar *qualquer som, até mesmo o som da fala!*

Durante horas os dois homens conversaram animadamente. Alec fêz esboços apressados do aparelho que concebera, e os dois, juntos, planejaram como poderia ser constituído. Alec chegou mesmo a dar nome ao invento. Chamar-se-ia “telefone”, vocábulo formado de duas palavras gregas, *têle* (longe) e *phoné* (voz). Mas o custo provável do aparelho era desanimador, e, relutantes, êles acabaram concordando em que a idéia devia ser posta de lado.

—O Sr. Sanders e o Sr. Hubbard não aprovariam uma idéia assim aérea, e êles estão-me apertando, com razão, para que eu termine esta história do telégrafo—ponderou Alec. —Enquanto eu não acabar isto, não tenho o direito de pensar em construir um telefone.

Êle esforçava-se, desesperadamen-

te, e a Sr.<sup>a</sup> Sanders, preocupada com o fato de êle muitas vêzes se esquecer de comer e de dormir, começou a deixar, discretamente, bandejas de alimentos dentro do laboratório, atrás da porta. Ela chegava ao ponto de cortar sub-repticiamente as velas de Alec para que acabassem mais cedo, obrigando-o a ir para a cama. Mas os esforços dêle eram totalmente inúteis, e ambos, êle e Tom, acabaram perdendo a fé no telégrafo múltiplo.

Mas a idéia do telefone não lhe saía da cabeça. Ao completar 28 anos de idade (no dia 3 de março de 1875), Alec chegou à conclusão de que teria e devia pôr em prática a sua idéia de um telefone elétrico falante, independentemente do que dissessem ou pensassem os seus patrocinadores, e apesar de todos os outros obstáculos.

### Verão Tempestuoso

DURANTE êsses meses frenéticos as horas dos domingos que Alec passava com Mabel eram um oásis na sua vida. Êle precisava do espírito expansivo e jovial da môça, da sua feliz capacidade de compreender. Ela reanimava-o como ninguém mais. Mas Alec continuava cuidadosamente prevenido para não trair o seu amor, e certa vez, escrevendo a seus pais num momento de abatimento, disse: “Duvido que eu seja homem para casar.”

Nessa busca do telefone Alec sabia estar no caminho certo, e, se os seus conhecimentos de eletricidade eram muito poucos para o que pretendia,

esta era apenas uma falta a ser suprida. Êle tinha uma íntima convicção da viabilidade dêsse invento, como nunca tivera sôbre nenhum dos outros. Mas em junho de 1875 os trabalhos foram completamente paralisados.

Primeiro Tom Watson foi acometido de febre tifóide. Depois, Alec principiou a sentir aperturas de dinheiro; como lhe sobrava pouco tempo para conferências fora, praticamente sua única renda era agora o seu modesto salário na Universidade de Bóston. Êle acanhava-se de pedir dinheiro aos seus financiadores para os seus gastos pessoais, e a preocupação com as dívidas quase o levou ao esgotamento nervoso.

O último golpe—que fêz todo o seu mundo abater-se à sua volta—veio quando Mabel, de repente, anunciou que ia deixar Cambridge para passar não sabia quantos meses com uma prima em Nantucket.

O choque dessa notícia fêz Alec esquecer imediatamente que “não era homem para casar-se”. No seu acabrunhamento, imaginou se Mabel não se estaria despedindo de Cambridge para sempre. Se assim fôsse, êle não poderia deixá-la partir sem dizer-lhe quão profundamente era amada. Êle precisava comunicar-se sem demora com os Hubbards.

Um homem mais prudente talvez tivesse percebido que, com todos os seus projetos ainda não realizados, e estando êle próprio meio doente e sobrecarregado de dívidas, talvez fôsse aquela a ocasião mais imprópria

para pedir a mão de uma filha. Porém Alec Bell não estava para ser prudente nem razoável. Tomou o primeiro bonde para a casa dos Hubbards, e ali, estando fora o Sr. Hubbard, tentou falar com a Sr.<sup>a</sup> Hubbard. Mas as palavras gelaram-se-lhe na garganta. Bateu em retirada, voltou para casa, e extravasou o seu desespêro em uma carta:

Prezada Sr.<sup>a</sup> Hubbard:

Perdoe-me a liberdade que tomo dirigindo-me desta vez à senhora; encontro-me, porém, numa grande aflição, e só me resta recorrer ao seu conselho.

Descobri que o meu interêsse pela minha querida discípula—Mabel—se transformou em sentimento mais profundo do que a simples amizade. A verdade é que passei a amá-la muito sinceramente.

A carta continuava neste tom por alguns parágrafos. Era floreada como se usava na época, mas escrita de coração. O teor dela era que Alec pedia licença para confessar a Mabel o seu amor.

Durante 12 anos Gertiude Hubbard não fizera outra coisa senão empurrar Mabel para dentro do mundo que a cercava, instando com ela para que participasse de tôdas as experiências normais. Mas quando se lhe ofereceu a maior de tôdas as experiências, foi a mãe de Mabel quem se sentiu abalada e indecisa.

—Sr. Bell—disse ela depois de o chamar por meio de um bilhete—

não creio que Mabel tenha idade bastante para ouvir a sua confissão. Por isso lhe peço que espere um ano; depois poderá falar-lhe. Até lá, prometo que lhe darei tôdas as oportunidades de vê-la.

Quando o Sr. Hubbard regressou, no domingo seguinte, ficou ainda mais chocado.

—Se a Sr.<sup>a</sup> Hubbard não tivesse dito “um ano”, eu teria dito “dois” —declarou êle a Alec.

Quando o agitado pretendente se encontrou com Mabel no jardim, naquela mesma noite, estava resolvido a não revelar o que havia em seu coração. Mas sentia-se embaraçado e envergonhado por essa falta de franqueza, e já se arrependia da promessa que fizera.

Berta, a irmãzinha de Mabel, e sua amiguinha Lina McCurdy estavam também no jardim. As duas meninas se afastaram um pouquinho, à frente, depois voltaram correndo, trazendo cada qual uma margarida.

—Leiam a sua sorte!—sugeriu Lina.—Pensem nas pessoas a quem amam, e vejam se são correspondidos!

Mabel aceitou a sua margarida com naturalidade, e, com Berta e Lina a dirigirem-lhe olhares maliciosos, Alec não se atreveu a recusar a sua.

—Primeiro o senhor!—exigiram as meninas.—Assim... mal-me-quer... bem-me-quer... mal-me-quer... bem-me-quer...

Tendo o seu relutante despetalar revelado que Alec era correspondido

no seu amor, as duas meninas se entreolharam e deram risadinhas. Porém Mabel de nada ainda suspeitava quando perguntou:

—Quem é ela, Sr. Bell? Nós a conhecemos? Diga-nos como se chama.

Alec prometera, mas sentiu-se quase incapaz de cumprir o prometido. O rosto que êle voltou para Mabel era sombrio.

—Não!—a resposta veio explosiva.—Não... não, Sr.<sup>ta</sup> Mabel... não posso dizer-lhe!

Berta e Lina explodiram numa gargalhada jovial ao olharem para Mabel.

—Nós sabemos... nós sabemos! —puseram-se a cantar, saindo em seguida a correr em direção à casa, e deixando atrás de si um casal verdadeiramente embaraçado.

Quando Mabel partiu, a sua ausência, juntamente com o fato de êle se haver arrependido amargamente do compromisso que assumira fazendo aquela promessa, fizeram Alec passar um verão muito triste. Um mês êle suportou o seu desgosto, mas depois rebelou-se, como revelam estas anotações esparsas em seu diário:

Sexta-feira, 23 de julho. Visitei o Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Hubbard. Disse-lhes que não agüento mais. Que precisava dizer a Mabel o que sinto. Que achava que ela deve saber. Que iria a Nantucket para êsse fim, a menos que êles me proibissem. Êles recearam que Mabel se surpreendesse e ficasse chocada.

**INSUPERÁVEIS  
OS MODERNOS  
ELETRO-DOMÉSTICOS**

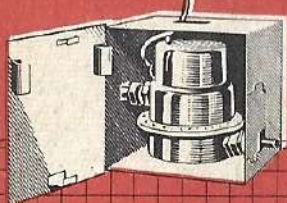
**LORENZETTI**



**Chuveiro  
LORENZETTI**  
O melhor. O legítimo.  
De grande jato. 100%  
automático. 110-220 V.



**Torneira  
LORENZETTI**  
Água quente ao abrir  
a torneira. Cromada e  
elegante. Econômica.



**Aquecedor  
LORENZETTI**  
Substitui o aqueci-  
mento central com  
grande economia.  
Embutido ou não.  
Aquece rapidamente.



**Superbomba  
LORENZETTI**  
Especial para poços  
profundos até 50 m.  
Tôda blindada e ino-  
xidável. Econômica e  
garantida. 110-220 V.

Fabricados e  
garantidos pela  
maior fábrica de  
material elétrico  
da América do Sul.

**INDÚSTRIAS BRASILEIRAS  
ELETROMETALÚRGICAS S. A.**

S. Paulo: Av. Pres. Wilson, 1230 - Cx. P. 2582 - Fones: 32-9271 - 33-2794  
Rio de Janeiro: R. Ubaldino Amaral, 95 - Fone: 32-5766

Representantes em tôdas as capitais dos Estados. Consulte as listas telefônicas locais.

Queriam que ela estivesse perto da mãe. Ela estará de volta em 6 de agosto. Concordei em esperar.

Quinta-feira, 29 de julho. Tive uma conversa particular com a Sr.<sup>a</sup> Hubbard durante a qual ela me contou que as cartas que Mabel lhe escreveu revelam que ela não gosta de mim. Ela não gosta de homem de cabelos compridos. Prefere olhos azuis! Não sei o que fazer. Estou aflitíssimo com isso . . . tais aversões tendem a ser permanentes!

Por demais desesperado para se lembrar que pode ser um bom sinal quando "a dama protesta demais" (Shakespeare, *Hamlet*, Ato 111, cena 3, verso 206), êle disse à Sr.<sup>a</sup> Hubbard que tinha de vencer a antipatia que inspirava a Mabel.

—Preciso ir a Nantucket. Se ela não me quiser ver, voltarei. Não quero ir ocultamente, quero apresentar-me franca e honrosamente. Se quiser, pode escrever-lhe dizendo que não me receba.

—Sr. Bell, eu sei que o senhor tem todo o direito de fazer o que lhe pareça melhor—respondeu-lhe.—Acontece que eu vejo que o Sr. está errado. Em todo caso, se acha que está certo, deve ir.

E assim Alec foi a Nantucket. Mas quando se apresentou na casa de campo dos Blatchford, a prima Mary Blatchford agiu como um dragão protetor, e não lhe permitiu entrar. E êle teve de regressar sem ter-se avistado com Mabel.

De fato, êle não tornou a vê-la enquanto ela não voltou para casa, em fins de agosto. Porém Mabel imediatamente o conduziu à estufa e o tranqüilizou.

—Sr. Bell—disse ela hesitante.— Eu . . . a verdade é que eu não desgosto do senhor! Eu gosto do senhor! Está satisfeito . . . agora?

Foi o bastante para que êle não enlouquecesse. E, poucos dias depois, êle recebeu um bilhete que deve tê-lo deixado muito contente.

“Liberto-o inteiramente, sem reservas, da promessa que fêz”, escreveu-lhe a Sr.<sup>a</sup> Hubbard. “Se o senhor fôr capaz de conquistar o amor de Mabel, sentir-me-ei feliz com a felicidade de minha filha.”

### Êle Não Podia Dizer Não a uma Dama!

Foi o Sr. Hubbard quem, sem o querer, tornou definitivo o compromisso. Êle andava desapontado e desanimado pela maneira como Alec se dedicava àquela coisa fantástica, o tal telefone. Tom Watson construira em junho o primeiro aparelho, e vendo que, em novembro, ainda não produzia resultado, o Sr. Hubbard disse francamente que Alec estava desperdiçando tempo e dinheiro demais naquela invenção.

E, angustiado ante a idéia de ver a filha casar-se com um visionário sem espírito prático, baixou um decreto paterno. O Sr. Bell poderia escolher: tornar-se um homem sensato, admitir que o seu plano do

telefone era pura fantasia, passar a outrem as suas aulas de “Fala Visível”, dedicar-se com afinco ao projeto do telégrafo e desposar Mabel; ou continuar dando as aulas, prosseguir com o telefone e . . . desistir de Mabel!

Alec Bell não tinha a menor intenção de fazer uma coisa ou outra. Êle respondeu ao Sr. Hubbard num bilhete respeitoso, mas firme:

Confesso que o trabalho de ensinar a “Fala Visível” me parece demasiado mecânico. Mas eu de modo algum o abandonarei enquanto não encontrar algo mais rendoso (o que será difícil) e enquanto não houver preparado outras pessoas para trabalharem no mesmo campo.

Se Mabel me amar dedicadamente como eu a amo, ela não se oporá a qualquer trabalho honesto a que eu possa dedicar-me. Se não me ama o bastante para aceitar-me, seja qual fôr a minha profissão, eu não a quererei absolutamente! Eu não desejo um amor pela metade, como não quero que ela se case com a minha profissão!

A coisa ficou nisto, mas o conflito produziu um resultado surpreendente. Mabel não gostou de estar sendo posta em oposição ao telefone de Alec, e é possível que ela tenha também consultado o próprio coração. No dia em que completou 18 anos, quando Alec chegou para a festa de aniversário, ela conduziu-o ao lugar favorito de ambos, na es-

tufa. O que ali se passou ela mesma contou em carta a Mary True:

Eu disse-lhe que o amava mais do que a qualquer outra pessoa, excetuando mamãe, e que, se fôsse de seu agrado, eu ficaria noiva dê-le naquele mesmo dia! Êle disse que eu o apanhara de surprêsa e quase no extremo do seu desespero. Eu parecera tão distante



dê-le, com tantas coisas de per-meio! Êle quase recusou a permitir que eu me compromettesse com êle, fazendo-me ver quanto eu era jovem, sem ter conhecido outros homens. Mas eu respondi que jamais poderia encontrar alguém a quem amasse tanto, e assim êle concordou muito alegremente com o noivado. Mas êle faz questão de que eu saiba que fui eu quem fêz a proposta, e que êle, como é natural, não podia dizer não a uma dama!

Terminara, afinal, o longo e tempestuoso namôro.

### Embaixo do Fio—e Pelo Fio

DAÍ A algumas semanas Gardiner Hubbard fêz uma comunicação surpreendente. Êle achava que Alec devia patentear o telefone.

Pessoalmente, ainda não acreditava no invento, mas era sem dúvida uma novidade, e... bem, a gente nunca sabe! Como homem de negócio, êle sabia que os direitos de Alec deviam ser resguardados.

Alec teve de confessar que estava de mãos atadas. Não podia requerer uma patente nos Estados Unidos da América.

—Por que não?—perguntou Hubbard, atônito.

Timidamente, Alec explicou. Em setembro, encontrando-se numa situação financeira desesperadora, fôra visitar a família no Canadá! Durante a sua estada naquele país procurara um amigo de seu pai, George Brown, membro do Parlamento Canadense, e falara-lhe a respeito do telefone, pedindo-lhe apoio financeiro. George Brown e seu irmão Gordon tinham-se interessado pelo projeto, concordando em fornecê-lhe 50 dólares mensais, durante seis meses, em troca de uma participação na metade dos lucros de todos os seus inventos patenteados fora dos Estados Unidos. Os pagamentos começariam tão depressa se obtivessem as patentes britânicas.

—Mas eu não posso requerer a patente primeiro em Washington—concluiu Alec—porque isso invalidaria as patentes britânicas.



## Seleções assegura vida mais longa para o seu anúncio!

Sim. Porque Seleções é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e os próprios leitores afirmam não existir o que se poderia chamar "um número antigo de Seleções". O interesse da matéria editorial de Seleções se transmite aos anúncios. É por isso que eles têm uma vida mais longa e mais ativa do que em qualquer outra revista. São inúmeros os anunciantes que continuam recebendo, anos após a publicação, consultas e cupons resultantes de seus anúncios em Seleções.

### Seleções do Reader's Digest

RIO: Av. Presidente Vargas, 62 - 7.º andar; tel.: 23-8519

S. PAULO: Av. Cásper Líbero, 58 - 14.º and.; tel.: 33-1135

—E quem vai obter essas patentes britânicas?—perguntou sêcamente o Sr. Hubbard.

Alec enrubesceu.

—O Sr. Brown ofereceu-se para cuidar disso êle próprio, Sr. Hubbard. Em breve êle irá a Londres.

Assombrado por ver que Alec cedia os seus direitos sôbre tôdas as suas patentes no exterior pela insignificante quantia de 300 dólares (ainda não pagos), o Sr. Hubbard procurou agir com tato.

—Meu caro Sr. Bell—disse—o que o senhor tem a fazer é preparar-se para requerer imediatamente a patente em Washington. Será que o senhor não compreende que apelar para os amigos de seu pai não lhe trouxe vantagem? O senhor continua tão sem dinheiro quanto sempre estêve!

Alec acenou com a cabeça num gesto de desânimo.

—Confesso que me coloquei numa situação muito difícil. Todavia—acrescentou, com um ar de inabalável obstinação—dei a minha palavra. Não requererei a patente norteamericana enquanto não tiver notícias de Londres.

O Sr. Hubbard suspirou. Êle já conhecia Alec o bastante para saber que era inflexível, certo ou errado, e que preferiria perder todos os seus direitos e tôdas as oportunidades a faltar à sua palavra.

Quando George Brown partiu de Nova York, a 25 de janeiro, Alec, o Sr. Hubbard e um advogado especializado em patentes foram vê-lo a

bordo. Falaram sôbre o acôrdo Brown-Bell, e o Sr. Brown prometeu solenemente telegrafar logo após ter sido concedida a patente em Londres.

O Sr. Hubbard persuadiu Alec a preparar nova documentação para ser despachada em Washington, logo que chegasse a notícia de Londres. Mas jamais chegou qualquer notícia. Porque George Brown tivera dúvidas sôbre o negócio que fizera. Achando que o telefone era uma idéia amalucada, e que não valia o risco de um desembôlso de 300 dólares, êle resolveu guardar no fundo da sua mala a documentação para o requerimento da patente e esquecer a coisa.

O tempo foi passando, e Alec Bell continuava recusando-se a fazer o seu requerimento em Washington. Finalmente, o Sr. Hubbard exasperou-se, ordenando discretamente ao advogado de Washington que despachasse o pedido. E assim a patente foi concedida, no dia 14 de fevereiro de 1876, com grande aborrecimento para Alec.

Na tardê dêsse mesmo dia, Elisha Gray, um electricista de Chicago, apareceu com um protesto em que se dizia com direito ao que êle também chamava de "telefone elétrico". Embora o seu pretensu direito derivasse apenas da exposição de uma idéia, e o de Alec se fundasse em tôdas as especificações técnicas para a construção de um aparelho completo, a quase simultaneidade dos pedidos de patente iria ser causa de



## Como escolher tinta <sup>a óleo</sup> para interiores!

ANTES de comprar a tinta a óleo que irá proteger e modernizar as paredes internas de sua casa, V. precisa verificar se a tinta que vai ser comprada possui estas características fundamentais:

**Versatilidade** — Uma boa tinta a óleo pode ser aplicada em superfícies de estuque, rebôco, cimento, madeira e metal.

**Economia** — A sua pintura ficará bem mais em conta, porque Flat-Tone cobre mais metros quadrados por galão.

**Secagem rápida** — Sob condições normais, uma boa tinta a óleo deve secar até 24 horas.

**Beleza moderna** — Acabamento fôsko-aveludado — a tradicional pintura de classe para decoração de paredes.

Tôdas estas vantagens reunidas V. encontra nesta tinta de alta qualidade:

— muitas tonalidades  
fôsko-aveludadas para  
embelezar o seu lar!



**SHERWIN WILLIAMS**



muitos e acirrados litígios. A sorte imensa de Alec foi que o seu advogado havia feito o requerimento em primeiro lugar.

Até então o invento era apenas teórico, porque, na prática, não



funcionava. Mas, uma semana depois de ter obtido a patente, Alec logrou aperfeiçoar o seu primeiro instrumento que verdadeiramente funcionou. Êle e Tom Watson estavam fazendo uma experiência de rotina com um nôvo transmissor, altas horas da noite. Tom entrou no dormitório de Alec, fechou a porta e tirou o receptor do gancho. De repente, soou em seu ouvido um chamado imperativo:

—Sr. Watson, venha até aqui! Preciso do senhor!

O fio do transmissor estava imerso numa solução de ácido sulfúrico. Quando se preparava para testar o aparelho, Alec respingara acidentalmente um pouco da solução na coxa, e a dor fizera-o gritar sem querer.

Tom pousou o receptor e saiu correndo do quarto, gritando:

—Eu o ouvi, Sr. Bell! Eu o ouvi!

Notando que afinal o telefone falara realmente, os dois se entreolharam, incrédulos. Alec esquecera-se da queimadura do ácido. E então, rindo e chorando ao mesmo tempo, os dois homens experimentaram o aparelho uma porção de vêzes. Não havia dúvida. As palavras vinham pelo fio com absoluta clareza.

### Triunfa a Astúcia Feminina

SE ALEC era quase um fracasso em matéria de negócios, logo se viu que Mabel herdara plenamente a aptidão comercial do pai. Foi ela quem insistiu para que Alec pusesse o seu nôvo invento na Exposição do Centenário em Filadélfia, em comemoração do 100.º ano de independência dos Estados Unidos.

—Esta é a sua grande oportunidade—disse ela.—O país inteiro verá e ouvirá o seu telefone.

Alec Bell não era um homem fácil de ajudar.

—Mas êle ainda não está pronto—objetou.—Precisa de mais uns acabamentos, e de algumas modificações.

Porém a essa altura Mabel já o conhecia muito bem.

—Êle ficaria a vida inteira pensando em aperfeiçoar o telefone—comentou ela mais tarde—se eu não o tivesse tirado das mãos dêle.

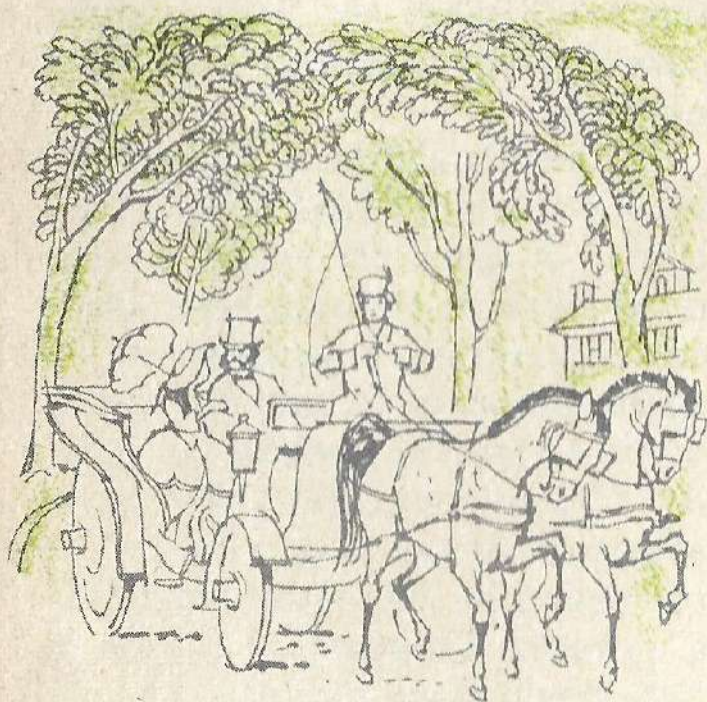
Fêz isso só a poder de persistência. Quando êle queria argumentar contra a exposição do invento, ela fe-

chava os olhos, mantendo-os muito apertados.

—Eu não estou olhando, Alec, eu não estou olhando! Não estou vendo nada do que você diz!

Alec acabou cedendo. O telefone poderia ser exposto em Filadélfia. Mas êle não poderia estar presente; estava por demais ocupado com as suas aulas.

Surgiu aqui um outro impasse. A mostra do telefone foi montada em Filadélfia, mas, sem a presença de Alec, atraía pouca atenção. O Sr.



Hubbard, o Sr. Sanders e Thomas Watson insistiram com êle, mas Alec era tão inamovível quanto o rochedo de Gibraltar. A única resposta que deu foi:

—Eu não vou!

Por fim, seus amigos encolheram os ombros, vencidos. Mas êles não tinham pensado em Mabel.

Sabendo que era inútil teimar com

um escocês obstinado, ela concebeu um plano melhor. Uma noite, mal as aulas terminaram, mandou levar a carruagem de Hubbard para a escola de Alec. Fazia calor, disse ela, e êle devia estar fatigado da correção das provas finais. Aceitaria êle o convite para darem um pequeno passeio?

Após ter passado quase uma semana defendendo-se da insistência de todos, Alec achou bastante tranquilizadora a presença gentil e inocente da môça. Subindo para a carruagem, sentou-se ao lado dela e aliviou a tensão de espírito percorrendo as formosas e arborizadas ruas de Cambridge, envolvidos ambos na fragrância junina dos jardins em volta. Nem uma só palavra de censura foi trocada, e nem sequer se mencionou o nome de Filadélfia. Só quando a carruagem já se aproximava da estação de estrada de ferro de Cambridge, o desprevenido Alec percebeu que Mabel estava tramando alguma coisa.

—Que história é esta?—perguntou êle.

Mabel sorriu ingênuamente.

—Você vai tomar o trem para Filadélfia, Alec.

—Eu, não!—respondeu êle com decisão, acrescentando, com um risinho triunfante.—Nem poderia! Eu não comprei passagem... não trouxe roupa para viajar...

Mabel abriu a bolsa e, sem dizer palavra, entregou-lhe o bilhete, fazendo em seguida sinal ao cocheiro para que trouxesse a mala que ela,

às escondidas, arrumara para êle. Alec olhou carrancudo para os dois.

—Eu . . . eu não vou!

Mabel então lançou mão das suas últimas armas. Pôs-se a chorar.

—Se você . . . se você não me ama bastante para fazer isso por mim—balbuciou entre soluços—eu . . . eu não quero casar com você!

O trem estava entrando na gare. Foi um escocês muito mal-humorado que agarrou a valise, enfiou o bilhete no bôlso e entrou no vagão.

Em Filadélfia, porém, o seu talento histriônico, sempre magnífico, centralizou o interêsse público para a nova maravilha que era o telefone. O Sr. William Thompson, um dos julgadores dos trabalhos científicos expostos, falou por todos, quando resumiu assim a sua opinião:

“Senhores, esta é a coisa mais maravilhosa que eu já vi na América.”

### “Perdi o Telefone!”

HAVIA um ponto em que Mabel exercia pouca influência sôbre Alec, como ela mesma descobriu. Foi-lhe impossível modificar-lhe os hábitos de trabalho, que eram às avessas.

Alec gostava de trabalhar até altas horas da noite, não raro até de madrugada, quase não dormindo, ou dormindo de dia, até que o sol ia bem alto. Muitos dos que o cercavam tentaram em vão fazer com que êle adotasse um horário de trabalho mais racional. Quando Mabel quis impedir que êle trabalhasse à noite, brincou com êle, oferecendo-se para pintar-lhe o retrato. Seria para pen-

durar no laboratório; mas, quando foi trazido, viu-se que o “retrato” era a imagem de uma coruja em tamanho natural. Para agradar a Mabel, Alec tentou modificar-se, mas não demorou a reconhecer que não o conseguiria.

—Eu não consigo pensar de dia—confessou acabrunhado.—Tenho procurado fazer todo o meu trabalho durante o dia, mas isso tem sido uma violência tão grande contra as minhas inclinações naturais, que me sinto incapaz de raciocinar sôbre coisas sérias! E sinto que a minha única esperança de fazer alguma coisa está em recomeçar o trabalho noturno.

Contemplando-lhe o rosto macilento e abatido, Mabel teve de concordar. E assim êle voltou às suas horas febris de trabalho noite adentro, concentrado principalmente no aperfeiçoamento do telefone. Quando êle e Mabel se casaram, em julho de 1877, o invento já estava bastante adiantado do ponto de vista da comercialização. Foi então organizada a primeira Companhia Telefônica Bell, tendo como diretores Thomas Sanders e Gardiner Hubbard—com resultados que iriam em breve levar o nervoso inventor quase aos limites da histeria.

O jovem casal foi passar uma rápida lua-de-mel na Inglaterra, porém a recepção que ali teve Alec foi tão triunfal que êles se demoraram por lá mais de um ano. Durante essa estada êle obteve patentes do seu invento não só em Londres, mas

também no continente europeu; fêz demonstrações do telefone para a Rainha Vitória e deu os primeiros passos para a criação de uma companhia inglesa.

Nesse meio tempo, quando a recém-fundada companhia norte-americana já tinha adquirido 3 000 acionistas e começava a prosperar, a Western Union Telegraph Company entrou na concorrência. Ela anunciou que a sua própria Companhia Telefônica Americana iria fornecer “telefones superiores criados pelos primeiros inventores, Thomas A. Edison, Elisha Gray e o Professor A. E. Dolbear”.

Quando a Western Union pensou em entrar nesse terreno o seu principal técnico em eletricidade, após proceder a investigações completas, aconselhou a compra das patentes de Bell, considerando-as fundamentais. Mas a direção da companhia não se convenceu. Achava ridículo que a Western Union ficasse na dependência de um desconhecido professor de surdos. E assim convocou Edison, Gray e Dolbear, incumbindo-os de descobrir algum novo modo—fôsse qual fôsse—de fazer um telefone transmitir a palavra falada. Eles não o conseguiram, mas, apesar disso, em dezembro de 1878, foi fundada a Companhia Telefônica Americana, tendo Elisha Gray e outros destacados diretores da Western Union como acionistas.

Não se punha em dúvida o direito de Bell sobre as patentes. Mas, para preservá-las, como o Sr. Hubbard o

percebeu, contrafeito, só restava um caminho. A modesta Companhia Bell teria de acionar a poderosa Western Union. O Sr. Hubbard não fugiu à luta. Preparou rapidamente os papéis para o início da demanda, depois telegrafou a Alec Bell contando-lhe toda a história e aconselhando-o a regressar imediatamente a Bóston. A questão estaria perdida se o verdadeiro inventor não comparecesse pessoalmente para depor.

O incidente todo foi tão chocante e desagradável para Bell que o deixou literalmente doente. Se era assim que agiam homens de negócio de responsabilidade, êle não queria ser um deles. A Western Union que ficasse com o telefone. Quanto a êle, voltaria para a casa de seus pais, em Ontário, e arranjará um lugar de professor em qualquer lugar do Canadá!

—Eu não voltarei para Bóston—telegrafou êle em resposta a Gardiner Hubbard.—Vou para Quebec.

E então, voltando-se para Mabel, disse:

—Perdi o telefone!

Mas êle não contara com Gardiner Hubbard, nem com Thomas Watson, e sobretudo não contara com a sua jovem e sensata esposa.

Não importa o que Mabel tenha pensado da intenção de Alec de afastar-se de todas as suas investigações científicas, fruto de anos de esforços, e da permanência num obscuro lugar de professor—naquele momento ela não procurou dissuadi-lo. Sabia quando devia ficar calada, como

sabia que Quebec ficava muito mais perto de Bóston (e dos excelentes advogados especializados em patentes que seu pai contratara) do que Londres.

Mas quando êles desembarcaram em Quebec sentiu o seu coração dar pulos de alívio ao ver que Tom Watson os esperava para dar-lhes as boas-vindas.

Após ter recebido o cabograma de Alec, o Sr. Hubbard, Sanders e Tom Watson (que era agora titular de um décimo dos direitos sôbre as patentes de Bell) tinham realizado constantes consultas a advogados.

—Se o senhores não agirem rapidamente—tinham advertido francamente os causídicos—e não conseguirem a volta imediata do Sr. Bell a Bóston, êle chegará tarde demais para salvar a situação, e perderá, por negligência, todos os seus direitos!

O único meio seguro de conseguir a volta de Alec Bell era ir buscá-lo, e o Sr. Hubbard declarou peremptoriamente que o homem para isso era Watson.

Thomas Watson foi instruído para cumprir a sua missão. Embora contente por rever o antigo ajudante, Alec não se mostrou favorável à idéia.

—Estou muito descontente com todo êsse negócio do telefone—disse êle.—Não quero mais saber disso. Pretendo dedicar a minha vida ao magistério. E peço-lhes que admitam que eu estou falando sério.

Tom Watson não teve a menor dúvida sôbre isso, porém, olhando

para Mabel Bell, percebeu em seu olhar um súbito lampejo, que lhe dizia que êle tinha uma aliada. Sendo assim, usou de todos os argumentos, tentando convencer o relutante amigo de que o telefone era o prenúncio de grandes acontecimentos, e que ainda precisava dêle. Alec ouviu-o imperturbável, contudo impressionou-o o argumento de que êle tinha uma grande responsabilidade perante os seus financiadores, e, por fim, os dois, Tom e Mabel, conseguiram persuadi-lo de que não seria correto abandoná-los naquela situação.

A questão entre a Companhia Telefônica Bell e a Western Union arrastou-se por um ano. Apresentadas tôdas as provas, tornou-se tão evidente que Alexander Graham Bell era o único inventor do telefone, que o advogado da Western Union aconselhou os seus clientes a fazerem um acôrdo. A Western Union propôs à modesta Companhia Bell um acôrdo em que ambas se associariam na utilização das suas patentes e na percepção dos lucros. A Companhia Bell aceitou, ficando com quatro quintos dos lucros sôbre as várias patentes e a Western Union com a parte restante.

Circulou a notícia da vitória da Companhia Bell, e as suas ações, que praticamente não estavam valendo nada, subiram de cotação, chegando, quase da noite para o dia, a valer 995 dólares cada uma. A riqueza a que êle não estava acostumado deixou Alex completamente tonto.

## A Infundável Lua-de-Mel

TERÁ SIDO uma ironia impossível que uma mulher completamente surda se tornasse espôsa de um homem cuja vida inteira se relacionou com o som?

Alexander Graham Bell não pensava assim. Na ininterrupta lua-de-mel que foi a sua vida com ela, êle sempre conversava com Mabel a respeito de música e discutia com ela outros aspectos do som, como se ela ouvisse perfeitamente. O que talvez ela fizesse, com o ouvido de uma mulher dotada de imaginação.

Mabel e Alec tiveram duas filhas: Elsie May e Marian. Mesmo quando atingiram a fase da vida em que as pessoas tudo observam, elas ainda não tinham consciência de que seu pai era um homem famoso, ou de que houvesse qualquer coisa extraordinária em relação à sua mãe. Tinham aprendido que era simplesmente um dever de boa educação olharem de frente para a mãe ao lhe dirigirem a palavra—não a chamando nem lhe respondendo de outro aposento, nem se dirigindo a ela pelas costas—e em família jamais alguém se referia à surdez dela.

A primeira vez que a menina Marian notou que a mãe era diferente das outras pessoas foi numa noite em que ela estava doente e Mabel entrou em seu quarto para vê-la. A princípio Marian fingiu estar dormindo, e, depois, quando a mãe lhe voltou as costas para sair, dirigiu-lhe a palavra. A mãe conti-

nuou seu caminho e fechou a porta atrás de si. Febril e assustada ao vê-la retirar-se, a menina gritou pela mãe, histêricamente, até que o pai entrou no quarto, ouviu o que ela contou, e deu-lhe calmamente a explicação.

À medida que iam crescendo, ambas as meninas tinham prazer em servir de “ouvidos” para a mãe—atendendo ao telefone, ou repetindo a conversa, quando ela não podia ver os lábios da pessoa que falava. Porém Mabel disfarçava tão bem a sua desvantagem, levando as pessoas a não a notarem, que um dia, estando Elsie May já na adolescência, e pretendendo promover uma festa, ela chegou mesmo a pedir à mãe que dissesse qual era o melhor lugar para colocar os músicos que iam tocar no baile.

Mabel deu uma boa risada.

—Não acha que é uma pergunta extravagante, logo feita a mim, que não ouço uma nota sequer?

Os Bell viviam em Washington, no Distrito de Colúmbia, tendo uma residência de verão na Ilha de Cape Breton, na Nova Escócia, e viajavam muito pela Europa. Tinham um extraordinário grupo de amigos, formado tanto pela simpatia, pelo espontâneo calor de Mabel quanto pelas qualidades de inteligência genial de seu marido. E, fôssem quais fôssem os projetos por êle concebidos—os quais, no curso dos anos, foram desde a introdução de incontáveis aperfeiçoamentos no telefone e a concepção de um rudimentar pulmão de aço para vítimas de polio-

mielite até às experiências com coisas de rádio, aviação e o princípio das aletas aquáticas para embarcações de alta velocidade (que êle aperfeiçoou)—o interêsse de Mabel por êles era sempre profundo e inteligente.

De sua parte, Alec nunca diminuiu a sua grande e apaixonante dedicação aos surdos. Foi êle quem mandou os aflitos pais de Helen Keller, nascida cega e surda, à escola onde ela encontrou a sua mestra excepcional, que foi Annie Sullivan; e pelo resto de sua vida foi êle próprio o mais chegado e o mais compreensivo amigo de Helen Keller.

Bell destinou totalmente aos surdos os lucros de um dos seus mais lucrativos projetos. Durante três anos êle e dois colaboradores trabalharam para aperfeiçoar o fonógrafo de Edison, que, embora fôsse uma maravilha para o seu tempo, deixava muito a desejar. Introduziram-lhe várias modificações, das quais a mais extraordinária talvez tenha sido a substituição dos discos cilíndricos de Edison, que eram incômodos e fáceis de quebrar, pelos discos chatos. Em 1884, ao se venderem essas patentes, couberam a Bell, do produto da venda, 200 000 dólares. Esta quantia êle a empregou na criação do Volta

Bureau, “para a ampliação e a difusão dos conhecimentos concernentes aos surdos”. E, inspirado no exemplo da educação inicial de sua espôsa, aplicou parte da doação na criação de uma escola em que as crianças surdas e normais se misturariam, destarte se permitindo que as crianças deficientes participassem das atividades próprias de uma infância normal.

Durante quase 50 anos as vidas de Mabel Hubbard e Alexander Graham Bell se entrelaçaram tão intimamente, que pareceu perfeitamente natural quando um faleceu cinco meses apenas após a morte do outro—êle morreu em agosto de 1922, e ela em janeiro do ano seguinte. Foram sepultados lado a lado numa colina de onde se avistava a sua querida residência de Cape Breton. Além das datas de nascimento e morte, numa lápide se liam apenas estas palavras: “Alexander Graham Bell, inventor.” Na outra, lia-se: “Mabel Hubbard Bell, sua dedicada espôsa.”

Era bem a exata e eloqüente descrição de uma mulher cujos dias foram envoltos em silêncio, mas que, apesar disso, transformou sua própria vida e a do marido numa agradável melodia.



“**N**ÃO vim aqui para o senhor me dizer que estou queimando a vela da vida pelos dois lados”, declarou um doente ao médico. “Vim para arranjar mais cêra.”

—Boletim do Rotary Club de Brookwood, citado por Leo Aikman em *Constitution* de Atlanta